

INFORMAÇÕES

Confissões: Sábado, dia 13: das 14,30 às 15,30 h., para a Catequese; no fim da Missa vespertina, pelas 19,30 h., para toda a Comunidade.

Velas de Natal: A Cáritas Diocesana pôs à venda em todas paróquias velas ornamentais, em copo de vidro, por 1 euro cada (para colocar acesa na mesa da Consoada na noite de Natal) e fofos, em vasos de barro, por 2,5 € cada (para colocar numa varanda na noite de Natal). É a campanha “10 milhões de estrelas” pela Paz no mundo. O lucro reverterá para a igreja nova da nossa paróquia. Se quiser adquirir alguma dirija-se à sacristia no final das Missas, até ao próximo domingo.

Intenções de Missas para 2009: Durante o mês de Dezembro podem já ser marcadas intenções de Missas para 2009. O pároco pede que lhe entreguem por escrito as intenções, podendo ser entregues no final das Missas ou, melhor ainda, por e-mail, via Internet. Para casos urgentes, podem usar também o telefone 93 63 22 123.

As intenções habituais que foram marcadas sem indicação de data limite, continuarão em vigor até que seja indicado ao pároco algo em contrário.

Eleições para o Conselho Pastoral Paro-

quial (CPP): O pároco lembra que termina já neste domingo, dia 7, o prazo para a indicação de um representante de cada organismo paroquial ao CPP para o novo mandato 2009-2011. Há vários organismos que ainda não comunicaram ao pároco o nome do seu representante. Façam-no quanto antes para que possa ser publicada no dia 14 a lista dos já eleitos pelos grupos, que já não poderão ser votados na eleição dos dias 20 e 21.

Ofertório mensal para a igreja nova: Por ser o 2.º domingo do mês, o ofertório das Missas do próximo domingo reverte a favor da construção da nova igreja. Leve para casa um envelope dos que estão ao fundo da igreja e entregue-o no Ofertório com o seu contributo.

Donativos para a Nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Ana Rodrigues de Sousa Lima – 20 € (mensal); António Maria Pereira Mota – 20 € (mensal); Dorinda Moreira Esteves – 5 €; Luís Alexandre de Sá Ribeiro – 10 € (mensal); Manuel Fernandes Pereira e Etelvina Freitas Viana – 30 € (mensal:20); Anónima – 5 €; Domingos Arieira – 5 €; Anónima – 10 €. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
8	Seg	10	José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Mário Alves Cadilha e Virgínia da Lomba Cadilha; Isabel Lomba Ferraz; Olímpia Enes Baganha (7.º dia)
9	Ter	18,30	Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Francisco da Silva e Maria José Araújo; Aurora Cerqueira (aniv.); Maria Adelina Pires Franco e João Varajão; Luís Enes da Costa Jácome e José Pedro Rua da Costa; Manuel de Jesus Duarte
10	Qua	18,30	Adelaide Rodrigues da Costa e Agostinho Rodrigues de Sousa; Marina Alexandra Caldeira Pedra e João Nunes Pedra; Maria da Silva Ribeiro; Ezequias Gomes Viegas; Manuel Magalhães Gomes Viegas; Ana Magalhães
11	Qui	18,30	Domingos Jesus da Silva; Miguel Alves Calçada
12	Sex	18,30	José Bastos; Luís Miranda e familiares; Rui Manuel Pereira da Silva e Eduardo Peres da Silva; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves
13	Sáb	18,30	Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos; Almas do Purgatório; Em acção de graças a Santa Luzia (m. c. Maria do Céu)
14	Dom	10	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes; Glória Martins Coelho, Amélia de Jesus e José Pedro; Narciso Manuel Morais Santa Marinha; José Pereira e família; Generosa Gomes Duarte, José Valente Duarte Gonçalves Gomes e António Rufino Duarte Gonçalves Gomes

PARÓQUIA VIVA

N.º 404 – 07/12/2008

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



2.º Domingo do Advento – Ano B



confessando os seus pecados.» (Evangelho)

«Apareceu João Baptista no deserto a proclamar um baptismo de penitência para remissão dos pecados. Acorria a ele toda a gente da região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém e eram baptizados por ele no rio Jordão,

A irmã - crise

Por: António Rego

Não sabemos bem se nesta crise o melhor é a gente fazer que entende alguma coisa do que se passa ou aceitar que ainda não sabe bem o que está a acontecer. Sobretudo porque os especialistas na matéria quanto mais falam menos esclarecem. E para além das nuvens negras no horizonte ninguém conhece exactamente como será a tempestade.

Por fora, entretanto, tudo parece normal. A cidade move-se, a publicidade impõe, o turismo convida, as prendas de Natal prometem, as festas e espectáculos cumprem. A vida roda para além das engenharias bancárias e financeiras e das piruetas dos barris de petróleo.

Em que ficamos, afinal?

A vida merece ser pensada. O ser, o ter e o haver precisam ser sacudidos para nos posicionarmos interiormente em novos ângulos que observem a realidade com menos ilusões, menos distorções de interesse, imediatismo, parcialidade. Talvez o grande mérito deste momento seja confrontar-nos com o que estamos a edificar. Não para lançar anátemas sobre o nosso tempo, o nosso espaço, a nossa cultura e até a nossa forma de viver a fé. Mas para, corajosamente, ensaiarmos no concreto o que já se vem sentindo como profecia subliminar do nosso tempo. Estamos desafiados no nosso quotidiano. Na energia, no ambiente, no desperdício, na alimentação, no gasto, na austeridade, no essencial, no supérfluo. E no sentido da vida. E da nossa relação com os objectos. Como nos novos clamores que nos chegam para um outro olhar sobre a justiça, a cultura, o desenvolvimento, a liberdade, a segurança, a evolução tecnológica, as potencialidades da ciência, o respeito pela terra, pela vida, pelas crianças e pelos idosos, as iniciativas de voluntariado, a serenidade ideológica que confere maior humildade para ouvir, aceitar, ousar a mudança no diálogo, no respeito pela pluralidade de expressões, culturas, artes, religiões.

(Continua na pág. 3)

2.º Domingo do Advento – Ano B

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: *Is. 40, 1-5.9-11*

2.ª leitura: *2 Ped. 3, 8-14*

Evangelho: Mc. 1, 1-8

- Razões de esperar -

Há uns anos atrás, estive um pouco em voga um cântico que dizia: “Senhor, nós temos fome; Senhor, nós temos sede. Não é fome de pão; não é sede de água – são razões de viver o que nos falta”. Na altura também já não faltava quem discordasse do teor da letra, pois a nós, cristãos, não nos faltam razões de viver.

Mas a verdade é que talvez seja essa a maior necessidade dos nossos dias, pois a humanidade vive um período bem marcado pela desilusão e pelo desencanto. Não é que faltem os vendedores de promessas: viagens de sonho, estadias em recantos paradisíacos, receitas para interminável juventude, produtos miraculosos, soluções para todos os males... E tudo sem esforço e por baixo preço! E a clientela não pára de aumentar. Os próprios cristãos, muitas vezes se deixam arrastar por esta onda e encantar com melodia tão agradável...

Por isso, este tempo de Advento é bem oportuno e importante para fortalecer a verdadeira esperança, a única que nos pode dar verdadeiras razões de viver.

Bento XVI, exactamente há um ano atrás, escrevia, na sua encíclica “Spe Salvi” (Salvos na Esperança), que uma vida assim é uma vida “sem esperança e sem Deus no mundo”, muito semelhante à do tempo de S. Paulo: “o racionalismo filosófico tinha relegado os deuses para o campo do irreal. O divino era visto de variados modos nas forças cósmicas, mas um Deus a Quem se podia rezar não existia”. É este mundo que, “hoje, de um modo distinto, aparece de novo florescente”.

E é a este mundo que urge proclamar que “não são os elementos do cosmos, as leis da natureza que, no fim de contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última palavra, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa”. E o Papa continua: “E se conhecemos essa Pessoa e Ela nos conhece, então, verdadeiramente o poder inexorável dos elementos materiais deixa de ser a última instância; deixámos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres”. De facto, também para hoje “o céu não está vazio. A vida não é um simples produto das leis e da causalidade da matéria, mas em tudo e, contemporaneamente, acima de tudo há uma vontade pessoal, há um Espírito que em Jesus se revelou como Amor” (Spe Salvi, nº 5).

Vale, por isso, a pena reabastecer os depósitos da nossa esperança, para, como João Baptista, pelo testemunho da nossa vida e pelas nossas palavras, devolvermos ao mundo de hoje a Esperança que para todos a Encarnação de Cristo trouxe.

Neste Ano Paulino, Bento XVI junta-se assim a S. Paulo suplicando: “Que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo vos ilumine os olhos da mente, para que compreendais a esperança para a qual vos chamou; para que entendais como é rica e gloriosa a herança destinada ao seu Povo” (Ef. 1, 18).

P. José de Castro Oliveira

Limiares das pobreza

Por: António Jesus Cunha

O Governo e os parceiros sociais acordaram, em devido tempo, que em 2009 o salário mínimo seria de 450 euros, assumindo-se como objectivo de médio prazo o valor de 500 euros em 2011.

Estranha-se, portanto, que algumas organizações empresariais e partidárias contestem o que já estava acordado há algum tempo e, mais ainda, que o Governo faça deste facto uma bandeira política, em face da proximidade de eleições. Mais estranho é que uns e outros não reconheçam que o salário mínimo em Portugal é dos mais baixos da União Europeia. Se olharmos para os dados do Eurostat, quando a União Europeia tinha 15 estados, já se verificavam enormes disparidades nesta matéria. Por exemplo, os cidadãos da Luxemburgo tinham, então, um poder de compra seis vezes superior aos da Letónia. Nessa altura o salário mínimo do Luxemburgo já era de 1503 euros. O que está verdadeiramente em causa é que o salário mínimo é demasiado baixo, imoral em relação às remunerações dos deputados e dos quadros das empresas. Se os últimos ganhassem um pouco menos, os trabalhadores poderiam ganhar um pouco mais.

O problema que o aumento de 24 euros pode, eventualmente, representar nas micro e pequenas empresas resulta de outros factores que o Governo deveria resolver: diminuir alguns impostos, premiar a competitividade e pagar a tempo e horas a estas empresas que são fornecedoras do Estado.

Estaremos todos de acordo com o Primeiro-ministro que o rendimento de 400 euros se situa no limiar da pobreza. Porém, se isto vale para justificar, aliás dentro do que está acordado entre o Estado e os parceiros sociais, o aumento do salário mínimo, pela mesma razão deveria obrigar o Governo a estabelecer como valor mínimo das reformas os 400 euros. Esta é uma questão moral, muito mais que política. E aqui, o Governo deveria fazer uma discriminação positiva entre os que durante uma vida descontaram para a Segurança Social e os que nunca descontaram e recebem reformas.

Será que os governantes fazem ideia de como é possível sobreviver com o salário mínimo? E mais grave, como podem sobreviver os que têm reformas de pouco mais de duzentos euros?

Não quererão os ministros, deputados e políticos em geral, experimentar viver algum tempo apenas com a reforma mínima? Mas, por paradoxal que pareça numa democracia, é do voto destas pessoas – que vivem no limiar da pobreza e muitas mais abaixo do limiar da pobreza – que os políticos precisam do voto para serem eleitos, voltando-lhes as costas de seguida.

Não podemos esquecer que os erros de governação que geram crises, por vezes de grande gravidade como a actual, não são da responsabilidade destes cidadãos, os pobres do nosso tempo. O seu erro é não discernirem de forma correcta como e em quem votar.

O problema não está no salário mínimo e nas actuais reformas, tão baixas, mas na má governação que permite tantas disparidades e tantas injustiças. (*In Voz Portucalense*)

A irmã - crise

Por: António Rego

(Continuação da pág. 1)

Para trás ficam séculos rígidos e desumanos de escravatura, pena de morte, injustiça silenciada, esmagamento dos mais fracos, sem recurso ou direito de protesto.

O nosso tempo, não sendo um clube de santos, oferece novos horizontes. E os sobressaltos económicos e políticos também são profecia, sinal, desafio, apelo, coragem para mudar. Esta lição dura não pode reduzir-se a alguns escândalos que explodem em tempo de crise. Os factos não são novos. Apenas eram ignorados.

E se nos organizássemos para uma reciclagem sobre a nossa vida, o nosso mundo, a economia, a terra, a água, a energia, a espiritualidade, o sentido da existência? Os vindouros dirão um dia que uma crise contribuiu para a mudança duma civilização. Mesmo sem entendermos tudo, temos condições para pensar o principal. E pôr em prática. Sei lá se Francisco de Assis não lhe chamaria “irmã crise”. Os cristãos sempre chamaram ao tempo do Advento tempo de conversão. Não é tarde nem cedo. É a hora.